

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Roseane Machado da Silveira

As contribuições deixadas pela Arquitetura Pedagógica *PA* no processo de construção de um conhecimento significativo para os estudantes do 2º ano do ensino fundamental.

Porto Alegre  
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Roseane Machado da Silveira

As contribuições deixadas pela Arquitetura Pedagógica *PA* no processo de construção de um conhecimento significativo para os estudantes do 2º ano do ensino fundamental.

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia ao Curso de Pedagogia Licenciatura – modalidade a distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aline Lemos da Cunha  
Tutora: Eliane Gheno

Porto Alegre  
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitora de Graduação: Prof<sup>a</sup> Valquíria Link Bassani

**Diretor da Faculdade de Educação:** Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

*“É incansável a busca pelo conhecimento,  
parecendo interminável a sua procura!  
Deixo aqui o meu reconhecimento aos mestres  
que me orientaram nesta busca,  
Abreviando esta procura!”*

## **AGRADECIMENTOS**

*Início agradecendo a Deus, por ter me dado o dom da vida, por ter sido meu porto seguro durante esta trajetória, dando-me forças para seguir em frente.*

*Agradeço aos meus pais, aos quais admiro muito e com os quais aprendi a viver, pois sempre me mostraram através de seus exemplos que a vida é feita de obstáculos que devemos transpor com honestidade e humildade.*

*Enfim, agradeço a todos (pais, familiares e amigos) por compreenderem minha ausência neste período de reclusão para que fosse possível a conclusão deste trabalho tão importante, que marca a concretização de um sonho tão almejado por mim.*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar a viabilidade da aplicação da arquitetura pedagógica PA (Projeto de Aprendizagem), mesmo em uma turma no período inicial de sua alfabetização. Creio que esta metodologia contribui para a construção de uma aprendizagem significativa, por levar em consideração a curiosidade presente na turma e mobilizar para a busca de respostas capazes de suprir a mesma, propiciando um ambiente dialógico, interativo, reflexivo, cooperativo e autônomo. Optei por desenvolver o PA com uma turma de segundo ano do ensino fundamental por haver percebido que estes alunos, no seu primeiro ano de escolaridade, não haviam tido a oportunidade de expor suas curiosidades, sendo as mesmas desvalorizadas no dia-a-dia em sala de aula. Isso se devia ao fato de terem iniciado o seu processo de alfabetização com um programa que não dava vazão aos seus interesses e curiosidades. Através do PA, foi possível dialogar com os educandos sobre temas diferenciados e perceber na turma uma mudança em seu comportamento frente ao proposto em sala de aula (tornaram-se mais cooperativos, solidários e interessados). Por se tratar de um Projeto que visa trazer para o fazer pedagógico a curiosidade dos alunos, com grande interesse no desenvolvimento da autonomia, da cooperação e da interação, utilizei, como referencial teórico, os autores Paulo Freire (1996) e Edgar Morin (2008) por contribuírem para a compreensão destas habilidades tão importantes para os indivíduos em todos os momentos de suas vidas. Também as autoras Beatriz Magdalena e Iris Costa (2003) por ter sido através de suas produções que encontrei fundamentos para a aplicabilidade da arquitetura pedagógica PA. Além de proporcionar mudanças nos educandos, a possibilidade de trabalhar com PA também ocasionou mudanças significativas em minha prática educativa no que tange à avaliação da aprendizagem, por exemplo.

PALAVRAS-CHAVE: Curiosidade – autonomia – aprendizagem significativa

*Ao novo educador compete refazer a educação, reinventá-la, criar as condições objetivas para que uma educação realmente democrática seja possível, criar uma alternativa pedagógica que favoreça o aparecimento de um novo tipo de pessoas, solidárias, preocupadas em superar o individualismo criado pela exploração do trabalho. Esse novo projeto, essa nova alternativa, não poderá ser elaborado nos gabinetes dos tecnoburocratas da educação. Não virá em forma de lei nem reforma. Se ela for possível amanhã é somente porque, hoje, ela está sendo pensada pelos educadores que se reeducam juntos. Essa reeducação dos educadores já começou. Ela é possível e necessária. Gadotti (1998, p. 90)*

## SUMÁRIO

<b>2. VALORIZAÇÃO DA CURIOSIDADE NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....</b>	<b>12</b>
2.1. DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA, TÃO NECESSÁRIA A TODOS OS INDIVÍDUOS.....	13
2.2. PROJETOS DE APRENDIZAGEM, UMA PROPOSTA INOVADORA.....	14
<b>3. TECENDO NOSSOS CONHECIMENTOS SOBRE O ARQUITETO DA NATUREZA: JOÃO-DE-BARRO.....</b>	<b>15</b>
3.1. POSSIBILIDADES DE DESENVOLVER JUNTAMENTE AO PA OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO: FLEXIBILIDADE / INTERDISCIPLINARIDADE .....	21
3.2. ANIMAIS DOMÉSTICOS: MAIS UMA CURIOSIDADE.....	26
3.3. DO “ARQUITETO DA NATUREZA” AOS ANIMAIS AMEAÇADOS DE EXTINÇÃO.....	28
3.4. A PRÁTICA MODIFICANDO A AVALIAÇÃO.....	31
3.5. PA POSSIBILITANDO O ENVOLVIMENTO DA TURMA E DA ESCOLA.....	33
3.6. PA JOÃO-DE-BARRO: CURIOSIDADES SACIADAS DANDO ORIGEM A NOVAS CURIOSIDADES - PA SOBRE OUTRAS AVES.....	34
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>40</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>42</b>

## 1. Introdução

Optei por desenvolver meu TCC trazendo como questão a arquitetura pedagógica PA<sup>1</sup> na construção do conhecimento por acreditar na sua viabilidade e ter constatado, na prática, que com esta arquitetura, meus alunos puderam desenvolver habilidades como autonomia, interação, cooperação e autoria.

Até então, segundo o que pude constatar, os estudantes da turma onde realizei estágio de docência, não haviam tido a oportunidade de fazê-lo por terem iniciado o seu processo de alfabetização com um programa que não dava vazão aos seus interesses e curiosidades. As aulas vinham prontas, com textos a serem trabalhados a cada unidade (textos que não faziam sentido para a turma). Neste programa chamado "Alfa e Beto" nós, enquanto educadores, devemos seguir de forma rigorosa as unidades propostas, pois mês a mês temos que enviar as aulas dadas para que a Coordenadoria Regional de Educação possa ter um controle se estamos aplicando o método ou não. Por este motivo me sentia “podada” e “podando” meus alunos, pois estávamos presos a um programa que não possibilitava a aprendizagem construída de acordo com o interesse e a realidade do grupo, assim não sendo uma aprendizagem significativa. Seguindo este programa os alunos também se alfabetizariam, mas não da mesma forma, pois a alfabetização dar-se-ia de maneira mais restrita: sem liberdade e prazer.

Tendo consciência de que meu papel de educadora não deve ser o de mera transmissora do saber, concluo com Freire que

o fundamental é que o professor e aluno saibam que a postura deles é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e aluno se assumam epistemologicamente curiosos”. (FREIRE, 1996 p. 86)

---

<sup>1</sup> PA (Projeto de Aprendizagem) São estruturas de aprendizagens realizadas a partir da confluência de diferentes componentes como abordagem pedagógica, software educacional, internet, inteligência artificial na concepção de tempo e espaço.

Realizei meu estágio no turno da tarde com uma turma de 2º ano, na qual já lecionava, em uma escola Estadual, situada no município de Alvorada. Esta turma iniciou o ano letivo com 35 alunos, mas em virtude das transferências ocorridas nos primeiros meses de aula ficou composta por 29, onde 11 eram meninas e 18 meninos. Destes, cinco são repetentes e dois possuem necessidades especiais. Há uma menina com paralisia cerebral e um menino com subvisão. A maior parte da turma é de classe média baixa.

Como a sala de aula é ampla, pude realizar trabalhos em pequenos e grandes grupos e pude variar a disposição das classes (em "U", em círculo, em trios e em duplas). Assim como, por ser bem arejada e iluminada, foi possível proporcionar um ambiente adequado para a aprendizagem.

Anterior a escolha do tema central de meu projeto, a ser desenvolvido durante o período de estágio, já tinha a pretensão de realizar com a turma, como uma das estratégias de trabalho, a arquitetura pedagógica PA partindo do interesse das crianças. Esta pretensão foi suscitada, como já referido, pelo fato de esta turma ter iniciado o seu processo de alfabetização seguindo o Programa "Alfa e Beto" no qual as aulas já vinham prontas, não levando em consideração a realidade do público alvo, nem a individualidade de cada um que dele fazia parte.

Por algum tempo observei meus alunos com a finalidade de encontrar algo que os deixasse curiosos e interessados, já que os mesmos, até então, tiveram suas curiosidades "podadas" pelo programa de alfabetização já mencionado acima. Eis que em uma das idas e vindas ao refeitório, um grupo de alunos observou uma casinha de João-de-barro construída na janela de uma das salas de aula, questionando sobre o que vinha a ser aquele objeto. Devido aos vários questionamentos feitos a respeito, propus a eles de serem os investigadores e encontrarmos as respostas.

Os desdobramentos utilizados para chegarmos às respostas foram:

- levantamento de hipóteses para construção de um quadro contendo as certezas e dúvidas provisórias;
- observações diárias do (s) objeto (s) de estudo a olho nu, na câmera digital e data show, para visualização em tamanho maior;
- comparação de outras imagens (foto) de casas de João-de-barro;
- pesquisas na internet;
- construção de texto coletivo;

- comparação do texto coletivo com o quadro construído para verificar quais as certezas modificaram e ou permaneceram;
- que dúvidas foram esclarecidas, e, por fim com a construção de casas de João-de-barro utilizando a argila.

Utilizei este interesse como fio condutor para desenvolver um conteúdo pré-definido para a série de forma mais produtiva, flexível, prazerosa e interdisciplinar, possibilitando assim uma aprendizagem significativa por esta ser construída na vivência de experiências. Partindo disto, o tema central deste PA foi "Construindo nossos conhecimentos sobre o João-de-barro", tendo como propósito desenvolver um conteúdo criativo e interessante de forma a propiciar aos alunos a pesquisa para a construção do conhecimento partindo de seus interesses. Desta forma possibilitei aos alunos um ambiente onde se fizeram presentes fundamentos científicos como: levantamento e testagem de hipóteses por meio de observação, comparação, classificação e pesquisas, ampliando o conhecimento sobre o João-de-barro, agregando este tema a outro mais amplo, o meio ambiente.

## **2. Valorização da curiosidade na construção do conhecimento**

Edgar Morin (2008) deixa evidente que mais vale uma cabeça bem feita do que bem cheia. Como sabemos, “uma cabeça bem cheia” é aquela em que o saber é acumulado não dispondo de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. Já “uma cabeça bem feita”, deve dispor de uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas, e de princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido.

Para Morin (2008) a educação deve favorecer a aptidão natural da mente para colocar e resolver os problemas e, correlativamente estimular o pleno emprego da inteligência geral. Para isto exige-se o livre exercício da faculdade mais comum e mais ativa na infância e na adolescência, a curiosidade, que, freqüentemente é aniquilada pela instrução.

Por este motivo eu, enquanto educadora e estagiária, almejava estimular e até mesmo despertar em meus alunos esta curiosidade, que já no início de sua alfabetização estava sendo podada, adormecida em virtude do programa seguido.

Comungo dos ideais de Morin (2008), que nos coloca que devemos desde cedo encorajar, instigar a aptidão interrogativa, pois o desenvolvimento da inteligência geral requer que seu exercício seja ligado à dúvida, fermento de toda a atividade crítica.

Freire (1996) nos diz que como professores devemos saber que sem a curiosidade que nos move, que nos inquieta, que nos insere na busca, não aprendemos e nem ensinamos. Exercer a nossa curiosidade é um direito que temos como gente e devemos lutar por ele. Com a curiosidade domesticada podemos alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real. A construção do conhecimento do objeto implica o exercício da

curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar.

Concordo com Freire (1996) quando diz que para uma aula ser dinâmica é indispensável que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano, pois é ela que nos faz perguntar, conhecer, atuar, re-conhecer. O exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente “perseguidora” do seu objeto. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo se “rigoriza”, tanto mais epistemológica ela vai se tornando, segundo ele.

## ***2.1. Desenvolvimento da autonomia, tão necessária a todos os indivíduos***

Freire (1996, p.121) nos diz que

ninguém é autônomo primeiro para depois decidir, pois a autonomia vai se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade.

Por este e outros motivos apostei em pôr em prática o Projeto de Aprendizagem com minha turma de 2º ano do ensino fundamental, para que desde cedo, os educandos pudessem ter a possibilidade de explorar suas curiosidades, tendo a liberdade de escolher um determinado assunto e partir dele na busca por conhecimento, desenvolvendo assim sua autonomia.

## ***2.2. Projetos de Aprendizagem, uma proposta inovadora***

Magdalena e Costa nos explicitam que essa proposta (dos Projetos de Aprendizagem)

se assenta no modelo pedagógico aprender a aprender, no qual há espaço para a construção e não para a instrução. Estes projetos de aprendizagem têm como idéias centrais o conhecimento/construção, o processo interativo, a prática como suporte da reflexão, a interdisciplinaridade, a cooperação/reflexão/tomada de consciência e a autonomia. Partindo das indagações dos alunos e do conhecimento que eles já possuem, desenvolvendo-se através da colaboração/cooperação interna e externa (diversidade), rompendo com horários, disciplinas, sequências, pré-requisitos, hierarquias, espaço..., tornando alunos e professores aprendizes, construindo conhecimento indisciplinar, utilizando ambientes informatizados. (2003, p.16)

Para tanto, este ambiente deverá ser utilizado de modo a propiciar aos alunos o levantamento de hipóteses; analisando, organizando e selecionando informações para tomada de decisões conscientes, pois somente desta maneira, serão desenvolvidas formas autônomas de criação, comunicação e expressão nas Ciências, Artes e Técnicas; onde o aluno intui, reflete e imagina; ao passo em que se tornam solidários e cooperativos. E isto só será possível se o professor reconhecer que seu papel será o de orientador, desafiador; ao mesmo tempo em que também será aprendiz; pesquisador; inovador e autônomo. (MAGDALENA E COSTA, 2003)

As autoras finalizam dizendo que esta proposta

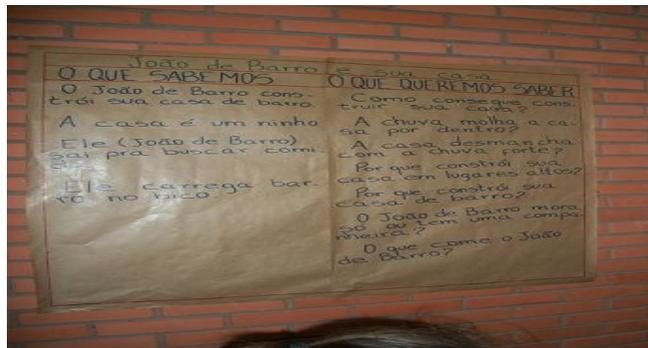
tem como intenção intrínseca, criar comunidades dinâmicas e solidárias de aprendizagem, mas que, no entanto, esse ou qualquer outro modelo, não pode correr o risco de tornar-se rotina por seu uso continuado. Por se saber que na escola a rotina é um dos fatores que contribuem fortemente para o desinteresse, os modelos terão que estar sempre em processo de vir a ser. Portanto, a inovação terá que estar sempre em processo de renovação, em função de novas variáveis que vão se introduzindo ao longo do processo. (MAGDALENA E COSTA, 2003, p. 17)

Com isto, querem dizer que nós, os educadores, devemos sempre estar inovando e não acomodados, como se seguissemos uma cartilha; que devemos

estar sempre atentos à realidade que nos cerca para utilizá-la em nosso fazer pedagógico, sem perder de vista nossos alunos, que sempre serão os agentes neste processo de ensino aprendizagem.

### 3. Tecendo nossos conhecimentos sobre o arquiteto da natureza: João-de-barro

O primeiro passo para iniciarmos o PA sobre o João-de-barro, "o arquiteto da natureza" foi a construção do painel de certezas e dúvidas sobre este pássaro e sua casa, tendo assim, o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, bem como a coleta de dados (dúvidas) que norteariam nossa busca pela aprendizagem a qual também seria realizada através de pesquisas na internet no último dia da semana (sexta-feira).



**Fotografia 1:** Quadro de certezas e dúvidas

Acervo da professora

Esta primeira experiência transcorreu de forma dialógica, reflexiva e interativa. Na medida em que iam sendo colocadas as dúvidas, alguns alunos já colocavam a sua posição, a sua certeza provisória. Um exemplo disto foi quando uma aluna questionou o porquê do João-de-barro ter construído sua casa e ter saído dela, pois todos os dias passavam observando a casinha para ver se o João-de-barro estava lá e nunca o viram. Por este motivo esta aluna deduziu que a casa estava desabitada. Porém, alguns alunos levantaram a hipótese de que talvez ele não tivesse ido embora, mas que durante os horários que passavam pela casinha fosse o horário

em que estivesse à procura de comida e outros alunos achavam que ele não estaria dentro da casinha por estar muito quente.

Sempre defendi que este contexto (diferentes posições/hipóteses) frente aos objetos de estudo, faria com que o conhecimento fosse construído, pois mobilizaria a busca da confirmação de uma delas e isto realmente ocorreu. Ao realizarmos o quadro de certezas e dúvidas provisórias foi explorada a oralidade através do levantamento de hipóteses a respeito dos objetos de observação e pesquisa, respeitando as diferentes opiniões. Segundo Paiva Bello (1995) o desenvolvimento da inteligência se faz à medida que a interação avança. Diz ele

A inteligência do indivíduo, como adaptação a situações novas, portanto, está relacionada com a complexidade desta interação do indivíduo com o meio. Em outras palavras, quanto mais complexa for esta interação, mais “inteligente” será o indivíduo.<sup>2</sup>

Tinha a pretensão de, no último dia da semana, realizar as pesquisas sobre as questões levantadas pela turma e para tal, necessitaríamos do projetor multimídia e *notebook*. Para isto, deveria utilizar a sala de audiovisual, mas como não foi possível, tive que adaptar o planejamento. Utilizei este dia para continuarmos conversando sobre o assunto, perguntando se alguém já havia visto um João-de-barro e como um aluno disse já ter visto filhotes, o questionei como era a cobertura do corpo deles e me disse que por serem filhotes eram cobertos por couro e que criavam penas depois. Segui o questionamento para o grande grupo sobre como ocorre o nascimento do João-de-barro e das demais aves e me responderam corretamente que nascem de ovos.

Na segunda-feira da terceira semana de estágio, nos dirigimos até a sala de áudio visual para realizarmos nossas pesquisas sobre o João-de-barro e a observação das fotos desta ave e de suas casas.



---

<sup>2</sup> FONTE: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per09.htm>. Acesso em: 24 out.2010

**Fotografia 2 e 3:** Realização das pesquisas na sala de áudio visual

Acervo da Professora

No primeiro momento observaram as fotos, colocando suas impressões sobre elas. Ao perguntar sobre as semelhanças e diferenças, disseram-me que apenas uma estava diferente, pois não estava completa. Então os instiguei a refletir sobre o motivo da mesma não estar completa. Alguns disseram: “Ele (João-de-barro) ainda está construindo”, já outros: “A chuva pode ter destruído”.



**Fotografias 4, 5 e 6:** Observação das fotos de três diferentes casas de João-de-barro

Acervo da Professora

Conseguiram observar algo diferente em uma delas, que por mim passou despercebido, e perguntaram: “O que é isto professora pendurado na casinha? É uma palha ou uma pena?” Não consegui distinguir, pois não estava muito nítido.

Mostrei em seguida um João-de-barro que estava caminhando em direção a um monte de capim (grama que havia sido cortada e não retirada do chão). Aproveitei para indagá-los: “O que ele pode estar indo fazer?” Responderam-me: “Procurar comida”, “Pegar capim pra colocar no ninho”.

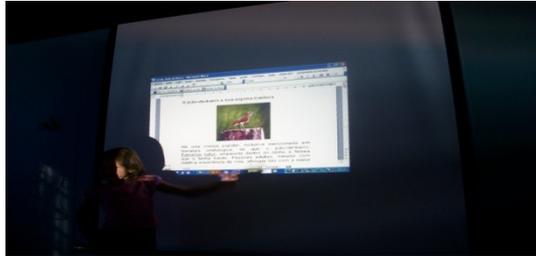


**Fotografia 7:** Foto retirada de um João-de-barro na calçada em frente a minha casa

Acervo da Professora

Tinham o interesse em descobrir se o passarinho era macho ou fêmea. Iam perto para ver se achavam um detalhe (órgão genital) para “matar a charada”. Foi bárbaro! Neste momento mostrou-se presente o levantamento de hipóteses para

encontrar resposta. Levaram em consideração a questão da genitália, pois o que diferencia o sexo entre os humanos e os animais, com os quais eles têm contato, é exatamente esta parte da anatomia do corpo.



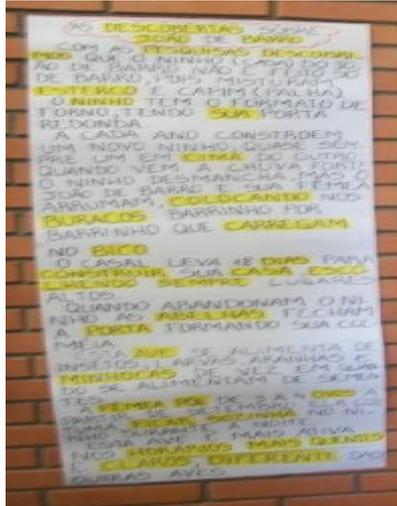
**Fotografia 8:** Momento de observação à procura de respostas  
Acervo da Professora

Após, seguimos para as pesquisas no *Google*, com a qual perceberam que o ninho era feito de barro, capim (palha) e esterco. Aproveitei para perguntar se sabiam o que era esterco e disseram: “É cocô de cavalo, de cachorro...” Disseram também: “Ah professora, se a casa é feita de barro, capim e esterco, o que vimos é capim!” – referindo-se à dúvida que tinham ao observar as imagens e perceber algo não identificável na casa de João-de-barro.

Enquanto lia para a turma o que achamos, eles interagiam comentando a respeito. Tanto que quando li sobre as características do animal, onde dizia que há muita semelhança entre o macho e a fêmea, pois ambos têm o corpo com plumagem de cor parda, com cor de ferrugem nas costas e principalmente na cauda; e que a fêmea só pode ser identificada pelo hábito de ocupar a casa à noite, sozinha, ficando no ninho com ovos e filhotes, rapidamente disseram, quase que em coro: “Descobrimos! Na foto é uma fêmea! Pois se fica a noite toda sozinha no ninho, deve sair durante o dia!”

Achei fascinante, pois prestavam atenção a cada detalhe da leitura para encontrar as respostas para as dúvidas surgidas sobre os objetos observados, relacionando o texto ao que viram.

Na quarta-feira realizamos a construção do texto coletivo sobre as pesquisas realizadas na segunda. Confesso que num primeiro momento, pensei que não seria possível a construção do mesmo pela “quebra” na organização de meu planejamento, mas me surpreendi com a capacidade de meus alunos, pois lembravam detalhadamente do que ouviram.



**Fotografia 9:** Texto construído coletivamente

Acervo da Professora

Esse fato comprova, cada vez mais, que quando trabalhamos com os interesses da turma a aprendizagem realmente se efetiva, pois o assunto é significativo para o grupo. Segundo Schank e Birnbaum (1996, p. 88), “um aspecto central da inteligência é a necessidade de gerar questões e responder a elas. Nenhum indivíduo pode aprender sem gerar para si mesmo a necessidade de conhecer”.

Muitas vezes, trabalhamos com os alunos incessantemente algum conteúdo – seja ele pré-estabelecido ou escolhido pelo grupo – e não atingimos o resultado esperado. Se refletirmos sobre isto, encontraremos as respostas, que poderão ser inúmeras, dentre elas a forma com a qual desenvolvemos nossa prática. Se apenas “jogamos” as informações, sem haver interação e reflexão, não ocorrerá a aprendizagem. Poderá haver apenas a memorização por um curto espaço de tempo. Ao contrário, se o conhecimento for construído, tendo como elementos constitutivos a cooperação, a interação, a reflexão, as informações encontradas realmente farão sentido, não sendo necessário a repetição, pois esta prática leva apenas à memorização e não à aprendizagem.

Em um dos dias de aula, distribuí uma folha mimeografada contendo o texto construído coletivamente, realizando então a leitura do mesmo. Não havia percebido que no momento de escrever o texto na matriz, acabei esquecendo-me de colocar uma das informações e, ao realizarmos a leitura em grupo os alunos sentiram a falta

e comentaram: “Professora, aqui não está escrito que a casa do João-de-barro tem o formato de forno e que a porta é redonda”.

Tive que me desculpar perante o grupo, explicando que no momento em que passei o texto na matriz já estava muito tarde e o cansaço foi o responsável pela minha falha, então sugeri que escrevessem ao final do texto, como complemento.

O fato de terem percebido a incompletude do texto demonstra a importância que deram à sua construção, não admitindo que as informações coletadas e vistas como significativas, fossem descartadas, pois fazem parte de suas descobertas. Seguimos com a escolha de algumas palavras do texto para desenvolvermos atividades para apropriação da linguagem escrita, mais especificamente a estrutura da palavra - construção da escrita - quantidade de letras e sons que cada palavra possui identificação da letra inicial e final, quantidade de vogais e consoantes que compõem as palavras.

Finalizamos com o “jogo da força”, com a turma dividida em equipes, utilizando as palavras destacadas no texto para sistematizar a atividade desenvolvida. Esta atividade recreativa foi utilizada para observar as produções escritas individuais, para perceber em que nível da escrita se encontram os alunos, já que cada componente dos grupos teria, a sua vez, que ir até o quadro escolhendo uma das palavras, colocando os traços que correspondem à quantidade de letras que a palavra escolhida possui.

Através destas práticas estou percebendo, ou melhor, constatando que ao trabalharmos com texto coletivo, de forma contextualizada, explorando palavras que o compõem, a aprendizagem torna-se mais significativa, tanto para os educandos quanto para nós educadores.

Cheguei a esta conclusão por fazer um paralelo com a minha outra turma, na qual preciso aplicar o Programa Alfa e Beto, pois não tenho abertura para desenvolver aulas onde meus alunos possam escolher um assunto que desejam pesquisar, saciando suas curiosidades.

Na quinta semana, os alunos confeccionaram a casa do João-de-barro, utilizando argila como matéria-prima.



**Figuras 10, 11, 12 e 13:** Momento de criação, construção da casa do João-de-barro

Acervo da Professora

Enquanto manuseavam a argila os observava e percebi que era o primeiro contato com este material, pois comentavam entre os grupos: “Que gelado!” “Parece barro!” “Mas é barro.” “É como massinha de modelar”.

O aluno G falou: “Professora, na porta tem uma voltinha”. E perguntei a ele: “Em quantas peças é dividida a casa do João-de-barro?” “Acho que três: cozinha, sala e quarto para os bebês”. - falou o menino. “E o que você acha que tem no quarto?” - “O ninho, professora”.

Expliquei aos alunos que na casa só há duas partes. Retornei ao lado do G e perguntei: “Em qual dos lados você acha que fica o ninho?” O menino respondeu: “Aqui professora” (apontando para o lado correto). “Porque você acha que é aí?” “Porque é mais protegido do vento e da chuva”. Então, perguntei aos demais e todos deram à mesma resposta e justificativa.

### ***3.1. Possibilidades de desenvolver juntamente ao PA outras áreas do conhecimento: Flexibilidade / interdisciplinaridade***

Durante todo o processo, procurei desenvolver as práticas de sala de aula de forma a interligar as áreas do conhecimento, ao mesmo tempo, aproveitando a curiosidade da turma sobre o João-de-barro para desenvolver o tema “animais”, que fazia parte do cronograma da série.



**Figura 14:** Dobradura de cisne confeccionada pelos alunos

Acervo da Professora

Na primeira semana trabalhamos com dobradura de cisne com a qual não só atingimos os objetivos propostos para a área de artes como também coletamos os conhecimentos prévios sobre as características do mesmo: se os filhotes nascem da barriga da mãe ou de ovos, como é a forma de locomoção, sua cobertura do corpo, se mamam... Utilizamos estas dobraduras como material concreto para trabalhar os numerais (relação número e quantidade, construção de dezena), desafios matemáticos, a seriação e classificação, por serem de cores variadas.

Brincando de “Pássaro louco-pássaro no ninho” (Anexo1) realizamos atividades com o corpo. Com estas práticas abrangemos as áreas de Ciências Naturais e Matemática, Ed. Artística e Ed. Física.

Havendo percebido o interesse da turma pela produção artística realizada na terça-feira, propus a eles uma atividade semelhante, desta vez com “Tangran<sup>3</sup>”

---

<sup>3</sup> Tangran é um quebra-cabeça de origem chinesa, formado por 7 peças que pode formar milhares de figuras diferentes. Existem várias versões sobre a origem do tangran. Uma delas conta que um serviçal quebrou o mais belo vaso do palácio imperial em 7 pedaços e o Imperador, zeloso com sua coleção de cerâmicas, exigia a imediata reposição do vaso ou o serviçal perderia sua cabeça. Desesperado, o pobre serviçal tentou a todo custo colocar as peças mas não conseguiu. No entanto, notou que com as 7 peças poderia representar não apenas vasos, mas toda a sorte de figuras. Ao ser chamado para dar conta do vaso, o serviçal mostrou o que tinha descoberto. O Imperador adorou a brincadeira e poupou o pescoço de nosso querido herói. Com isso, ganhamos um quebra-cabeça instigante, de onde com apenas 7 peças, podemos representar milhares de problemas e desenvolver a percepção espacial, a concentração e a criatividade.

(fotografia abaixo), no qual novamente trabalhamos visando alcançar os objetivos da área das Ciências Naturais, das Ciências Matemáticas e da área da Linguagem.



Ao término destas atividades retomei as características dos cisnes e do que me relataram sobre o João-de-barro, perguntando quais as semelhanças entre eles. Responderam que ambos possuem o corpo coberto por penas, têm bico, duas patas e nascem de ovos, por serem aves.

Este momento do trabalho foi muito produtivo e enquanto professora, pude constatar que ao trabalhar de forma integrada, propiciei aos meus alunos momentos de muito diálogo, nos quais, pude observar os conhecimentos prévios que cada um possuía sobre o tema, ao mesmo tempo em que desenvolvia atividades de diversas áreas do conhecimento.

Estas ações vieram a confirmar que as áreas do conhecimento podem e devem ser trabalhadas de forma integrada e jamais isoladas, pois os alunos precisam desenvolver suas habilidades de forma integral. Estes alunos não são, como bem sabemos, tabulas rasas, nas quais devemos “depositar” o saber e, por este motivo, através de atividades prazerosas, podemos investigar seus conhecimentos prévios para assim descobrir qual será o ponto de partida para ampliar o conhecimento que já possuem, levando em consideração que a aprendizagem no seu real sentido ocorre quando os educandos buscam, constroem seu saber, com a participação do professor. Segundo Rosana Rebelo

O papel do professor é, então, importante, não como figura central, mas como coordenador do processo educativo, que usando de sua autoridade democrática cria, em conjunto com os alunos, um espaço pedagógico interessante, estimulante e desafiador, para que nele ocorra a construção de um conhecimento significativo (1999, p.248)



Na segunda semana - por não poder utilizar a sala de áudio-visual para realizarmos as pesquisas necessárias para a construção de nossa arquitetura pedagógica, bem como para realizar as observações dos objetos de estudo (João-de-barro e diferentes casas) - precisei reorganizar o planejamento, então, utilizei como recurso folha xerocada contendo fichas (fotografia ao lado), onde em cada uma delas havia uma dupla de animais com seus respectivos nomes abaixo, ambos pela metade - animais e nomes. Assim que estavam de posse da folha já percebi as reações de estranhamento. Cochichavam entre si: “O que é isto?” “Tem algo errado!”

Eu os questionei: “O que está errado?” E me responderam: “Os animais não estão desenhados direito, tem partes misturadas!” Solicitei então que identificassem cada metade de animal, dizendo seus nomes e características (como é coberto seu corpo, se tem patas ou não, se voam, se nadam, se nascem de ovos ou da barriga da mãe, se mamam ou não, se não mamam de que se alimentam quando filhotes...)

Após estes apontamentos, passamos para a produção escrita, onde cada aluno escreveu, à sua maneira, os nomes dos animais que identificaram. Em seguida, pintaram os mesmos, recortando e montando de forma correta. Com a colagem realizada, puderam comparar a sua escrita com a contida abaixo de cada gravura, confrontando sua hipótese e realizando as correções quando necessário fosse.

Com esta atividade pude perceber o quanto meus alunos já conheciam sobre os animais, fizeram relação entre os animais da mesma espécie, ou seja, concluíram que todas as aves são cobertas de penas, possuem duas patas, que voam e nascem de ovos. Que com exceção do ornitorrinco, os demais animais que nascem de ovos não mamam, assim como todos os animais que nascem da barriga da mãe,

mamam nos primeiros tempos de vida. Achei interessante o fato de alguns alunos fazerem o comentário: “A tartaruga e o jacaré também nascem de ovos”, pois salientaram que não são somente as aves que nascem de ovos. Isto nos mostra, cada vez mais, o quanto nós professores devemos explorar os saberes dos nossos alunos para não chegarmos à sala com aulas prontas na ilusão de estarmos trazendo algo novo.

A partir desta ação, podemos propor aos nossos alunos que digam o que desejam saber sobre o objeto de estudo, pois sempre podemos ampliar nossos conhecimentos e seria um desperdício se continuássemos negando a bagagem que os alunos trazem consigo e permanecêssemos falando e “depositando” conhecimentos que os mesmos já estão cansados de saber. Temos consciência de que nosso papel não deve ser o de apenas transmissores do saber e, sim, sermos os mediadores para que este saber se amplie conforme os interesses de nossos alunos.

Propicieei o contato de meus alunos com diferentes tipologias textuais ao trabalharmos com as lendas sobre o João-de-barro visualizadas no projetor multimídia e na música de Sérgio Reis (Anexo2) a qual escutaram durante a aula e observaram a estrutura da mesma, extraindo palavras para sistematizar a escrita.

Primeiro perguntei se conheciam algumas lendas e como a resposta foi positiva, pedi que citassem quais. Dentre elas citaram a lenda da Mula-sem-cabeça, do Saci, do Lobisomem, da Cuca, do Velho do saco, do Curupira... Segui os questionamentos: “Estes personagens existem na vida real?” Disseram-me que não.

Introduzi, então, o conceito de lenda, dizendo que são histórias criadas onde se misturam situações reais com imaginárias, que passam de geração para geração, podendo existir versões diferentes sobre a mesma. Combinei que contaria duas lendas sobre o João-de-barro e que, ao término de cada uma, teriam que relatar o que foi modificado nelas, bem como que fatos poderiam ser reais e quais imaginários.

Na semana seguinte, retornamos às lendas lidas, bem como às conclusões chegadas sobre elas: fatos semelhantes e diferentes, reais e imaginários e alterações existentes. Após esta retomada foi solicitado a cada grupo que representasse através de desenho as lendas lidas (dois grupos ficaram responsáveis de representar a primeira lenda e os outros dois a segunda).

Realizamos o fechamento desta atividade com a escolha feita pelo grupo do desenho que seria exposto aos demais para que identificassem qual lenda estava sendo representada e, logo após, a montagem do painel contendo as lendas em colunas, nas quais foram afixados seus respectivos desenhos, no dia seguinte. Na quinta semana, retomamos o conceito de lenda, através da música “João-de-barro” de Sérgio Reis, a qual os alunos atenciosamente escutaram. Ao término da música, realizamos uma conversa para compreenderem a mensagem deixada por ela, refletindo sobre a mesma. Foram escolhidas palavras da música para trabalharmos a letra inicial, final, nº de letras e sons.

Ao indagá-los sobre: “É verdade que o João-de-barro tranca a porta de sua morada com sua amada presa para o resto da vida quando ela o trai?” Responderam que não, pois a casa está fechada quando o casal já a abandonou e as abelhas fecham-na transformando-a em colméias. Com isto identificaram a música como uma lenda, pois apresenta fatos reais e imaginários, além de desmitificar uma questão de gênero presente na narrativa cantada. Demonstrando assim o conhecimento construído através das pesquisas realizadas. Neste dia, nossa aula desenvolveu-se com a música tocando ao fundo a pedido da turma.

### ***3.2. Animais domésticos: mais uma curiosidade***

Para introduzir o assunto sobre os animais domésticos, realizamos uma conversa sobre os animais de estimação e a interação foi intensa, pois cada aluno falou sobre o seu animal. Disseram seus nomes, se mamavam quando eram filhotes, descreveram suas características físicas, quais os cuidados que são exigidos para a saúde deles, bem como relataram quais os seus hábitos: se são arteiros, carinhosos, bravos...

O aluno H relatou que sua galinha coloca de um a dois ovos por dia. Dois colegas, o B e o K perguntaram: “Você já comeu o ovo que sua galinha põe?” H respondeu: “Sim” “O gosto é igual ao ovo que a gente compra no mercado?” Ele respondeu: “Não, ele é mais forte, até a cor da gema é quase laranja”. Houve outra pergunta feita por N: “Já aconteceu de você quebrar um ovo e ter um pintinho

dentro?” H respondeu que sim. Em seguida os colegas brincaram dizendo: “Assassino de pintinho!” O que foi bem engraçado.

Após toda a conversa, construímos um gráfico dos animais domésticos da turma (Anexo 3). Este gráfico foi montado com colagem de tiras de papel ofício rosa. Concluída a construção, observamos o gráfico para saber qual o animal de estimação que a maioria da turma tem, qual apareceu em menor quantidade, quais animais deram empate. Qual a diferença entre a quantidade de cachorros, gatos, patos...

Durante a semana realizaram dobraduras de animais domésticos (Anexo 4), retomando as características de cada um (terça-feira fizeram o cachorro, quarta-feira, um gato, quinta-feira, um peixe e sexta-feira, um coelho). Confeccionaram as dobraduras com muito entusiasmo e alguns, no dia seguinte, me mostravam as dobraduras que fizeram em casa.

Após trabalharmos de forma interdisciplinar utilizando seus próprios animais domésticos passamos para a etapa de pesquisa via *internet*, onde solicitei que a turma sugerisse quais animais domésticos gostariam de pesquisar e escolheram as diferentes raças de cães e gatos para saberem de onde surgiram, há quanto tempo existem, que cuidados precisam...

Então levei o projetor e o *notebook* para a sala, iniciando assim a pesquisa. Também disponibilizei o globo terrestre para que pudessem visualizar onde se localiza o país de origem de cada animal. A cada cão ou gato que aparecia na projeção comentavam sobre suas características físicas. Alguns comentários foram: “Olha que amor!” “Este é bem peludo!” “Que estranho! Este gato não tem rabo!” “Olha só, este gato parece uma leoa!” “Professora, este é parecido com o Mustafá, meu gatinho!”

Ao ler a data do surgimento de cada raça se espantavam: “Nossa! Quanto tempo atrás, *hein!*” Para terem uma noção de localização dos países de origem, passei em cada grupo com o globo terrestre para que visualizassem onde fica e a distância existente entre os países e o nosso.

Portanto, nesta aula trabalhamos a História, Geografia e Matemática, pois conheceram a história de cada raça, o ano em que surgiram, calculando há quanto tempo estas raças já existem e visualizando no globo terrestre onde se localiza cada país de origem. Como fechamento, construímos um texto coletivo e mural das raças de cães e gatos (Anexo 5).

Neste mural afixamos as gravuras, já impressas por mim, de alguns cães e gatos pesquisados, contendo abaixo sua personalidade e características físicas. Já os nomes (das raças) o grupo teve que tentar identificar para que eu os escrevesse acima dos mesmos. No texto coletivo foram explicitados quais os cuidados necessários para com os animais domésticos.

Ao construirmos o texto coletivo, a turma demonstrou-se participativa e consciente dos cuidados necessários para a saúde e bem estar dos animais de estimação. Um dos alunos iniciou a conversa assim: “Professora, os animais precisam das mesmas coisas que a gente: de comida, de água, de carinho, de cuidados médicos como vacina e remédio, assim como quando estamos doentes”. Assim como esta, outras falas significativas foram registradas no texto coletivo.

### ***3.3. Do “arquiteto da natureza” aos animais ameaçados de extinção***

Na nona semana introduzi o assunto animais ameaçados de extinção, para isto utilizei folha xerocada contendo a atividade enigma,<sup>4</sup> com a qual descobririam alguns animais que sofrem esta ameaça, sendo feita a leitura dos nomes destes.

Estava previsto a pesquisa na *internet* sobre estes animais e as causas desta ameaça, mas por não dispor de tempo adequado para a realização, preferi então deixá-la para outra oportunidade. Utilizei o tempo disponível para uma conversa sobre o assunto. Iniciei perguntando: “Quem sabe me dizer o significado da palavra extinção?” “Quando todos da mesma espécie morrem, deixando de existir”, respondeu o aluno M. Segui perguntando: “Estes animais merecem deixar de existir?” A turma em coro respondeu que não. M argumentou: “Eles não merecem deixar de existir, pois nunca fazem mal para ninguém.” G completou: “Só fazem mal para se proteger e proteger seus filhotes”. H falou: “As tartarugas-marinhas nos protegem das algas e mães d’água, evitando que a gente leve choque”. Mais uma vez, através de prática dialógica, ficou visível que as crianças já trazem consigo

---

<sup>4</sup> Esta atividade consta em substituir símbolos pelas letras correspondentes para assim descobrir palavras. Há uma legenda com os símbolos e as suas respectivas letras.

conhecimento sobre vários dos assuntos que os cercam, pois observam, escutam e interagem no e com o mundo em que vivem.

Questionei se sabiam o porquê de alguns animais estarem ameaçados de extinção. Obtive como respostas: “Porque os humanos matam para vender, como o rinoceronte, que os homens matam para tirar o chifre para vender, como o leão que matam para usar sua cabeça para enfeitar”. “Matam o jacaré e cobras para fazer sapatos, bolsas e cintos”. A T expôs outra causa dizendo: “Ao cortar árvores, podemos estragar os ninhos dos passarinhos e eles perdem o seu lugar de morar”. G completou: “Ao jogar lixo na praia ou nas águas de rios e lagos, contamina a água e os peixes morrem”. K disse: “Quando deixamos sacos plásticos na beira da praia as ondas levam para o mar e as tartarugas comem pensando ser mãe d’água e morrem engasgadas.”

Ao abrir este espaço para que os alunos expressem suas opiniões temos a oportunidade de observar seus conhecimentos prévios sobre o assunto em questão e com isto constatamos que o indivíduo trás consigo informações relevantes sobre todo e qualquer assunto e que estas informações devem ser consideradas como ponto de partida para que prossigam na busca pelo conhecimento.

Muitas vezes menosprezamos a capacidade que as crianças possuem de construir seu conhecimento compreendendo, à sua maneira, as causas e conseqüências de fatos sociais, históricos do mundo em que vivemos. Neste caso, animais em extinção, perceberam que na grande maioria, as ações do ser humano é o que desencadeia a extinção de espécies animais que tem sua função na natureza. Com isso, reconhecem a importância de respeitá-las, colaborando para sua preservação.

Posso afirmar que com estas atividades pude atingir, com meus alunos, os objetivos destinados também aos conhecimentos Sócio-históricos:

- Socializar o saber visando uma melhor qualidade de vida, para que o homem, ao tentar mudar os rumos da história, possa humanizar-se cada vez mais;
- Despertar para prática de mais amor, solidariedade e respeito entre todos e de todos com a natureza.

Iniciáramos a semana seguinte com a pesquisa sobre os animais em extinção identificando “a” ou “as” causas desta ameaça, porém, como em nossa

escola há muitas turmas e as mídias são muito concorridas, não consegui agendá-las.

Por já ter feito um levantamento de quantos alunos da turma possuíam em suas casas acesso a computadores e internet, onde quinze alunos mostraram esta realidade, a alternativa encontrada foi organizar a turma em sete grupos e cada qual ficou responsável por pesquisar sobre um dos animais ameaçados (definido por sorteio) para que no decorrer da semana apresentassem ao grande grupo as descobertas feitas.

No dia seguinte, iniciamos com os relatos dos grupos que pesquisaram sobre a tartaruga-marinha, o mico-leão-dourado e a arara-azul. Este momento foi importantíssimo por haver muita interação, sendo inevitável que alguns dos demais grupos, que já haviam realizado as suas pesquisas, se manifestassem comparando as causas encontradas para a ameaça de extinção de diversos animais.

Na quarta-feira iniciamos pelos relatos, agora dos grupos que pesquisaram sobre a onça-pintada e o peixe-boi, onde espontaneamente os demais participaram, com questionamentos e opiniões. Na quinta feira, concluímos os relatos com os grupos que pesquisaram sobre o lobo-guará e o tamanduá-bandeira.

Posso afirmar que o imprevisto vivenciado por não conseguir realizar a pesquisa juntamente com meus alunos em sala, em virtude da concorrência das mídias, me possibilitou a identificação do grande interesse de meus alunos com o projeto em si, pois demonstraram muita responsabilidade em realizarem as pesquisas em suas casas. Evidenciando, mais uma vez, o quanto devemos oportunizar aos alunos práticas que considerem suas curiosidades como ponto de partida para a construção do conhecimento.

### ***3.4. A prática modificando a avaliação***

No decorrer das práticas realizadas pude refletir de forma a avaliar tanto o desenvolvimento de meus alunos quanto o meu fazer pedagógico, que se tornou bem diferente dos anos anteriores.

Através de conversas descontraídas com as crianças, enquanto construía casinhas de João-de-barro com argila, por exemplo, pude avaliar a aprendizagem deles, bem como a prática utilizada para o alcance da mesma. Muitas vezes os educadores pensam que a avaliação só pode ser realizada através de provas. Estes registros, a meu ver, por vezes não passam de burocracia que serve, apenas, para avaliar o aproveitamento do educando, como se a prática do professor não devesse ser analisada. Sem contar que na avaliação por provas muitas vezes não se obtém o real resultado, pois por ter um caráter formal, os alunos apresentam-se com alto nível de ansiedade não conseguindo expressar claramente seus conhecimentos sobre o assunto em questão.

A cada dia que passava ficava mais satisfeita ao perceber que tanto a minha prática quanto o rendimento de meus alunos ocorriam de forma positiva. Concordo com Luckesi quando diz que

a prática da avaliação da aprendizagem, para manifestar-se como tal, deve apontar para a busca do melhor de todos os educandos, por isso é diagnóstica, e não voltada para a seleção de uns poucos, como se comportam os exames. Por si, a avaliação, como dissemos, é inclusiva e, por isso mesmo, democrática e amorosa. Por ela, onde quer que se passe, não há exclusão, mas sim diagnóstico e construção. Não há submissão, mas sim liberdade. Não há medo, mas sim espontaneidade e busca. Não há chegada definitiva, mas sim travessia permanente, em busca do melhor. Sempre! (2000, p.11)

Durante alguns dias de aula, os alunos viram, por duas vezes, o casal de João-de-barro no telhado do pavilhão ao lado. Paravam o que estavam fazendo para observá-lo da janela. Os deixava a vontade, pois faz parte do processo de aprendizagem a observação do objeto de estudo.

Conversavam entre si apontando suas hipóteses sobre quem era o macho e quem era a fêmea. Uns diziam: “O macho é mais gordo!” E outros: “Acho que o mais gordo é a fêmea, pois pode ser os ovinhos na barriga!”

Refletindo sobre este acontecimento, pude perceber o quanto modifiquei o meu fazer pedagógico, pois há alguns anos atrás não conseguiria conceber meus alunos pararem as atividades para ficarem olhando para a janela e agora tenho outra visão. Acredito que qualquer interesse surgido dos alunos deve ser valorizado e levado em consideração no processo de ensino e aprendizagem.

No decorrer do estágio pude perceber o quão importante é trabalhar a construção de textos coletivos, pois há a oportunidade de diálogo, assim podendo realmente constatar o quanto o aluno assimilou sobre o assunto desenvolvido, demonstrando o grau de compreensão e as formas de visão, diferentes, sobre um determinado tema. Sendo assim, o texto coletivo desenvolve o senso crítico, colaborativo, a oralidade e a organização de idéias e ainda proporciona outra forma de avaliar a aprendizagem.

O último dia do projeto, utilizamos para a construção do portfólio, o qual fez parte da avaliação, pois os alunos receberam todas as atividades que produziram para selecionarem as que, para si, foram consideradas mais significativas durante o projeto.

Analisando o meu estágio docente, não consigo escolher uma prática como sendo a mais significativa, pois a meu ver todas foram, por contribuírem para aprendizagens significativas, por possibilitar a retomada do que foi pesquisado, visto e comentado ao longo do projeto, percebendo as ligações em cada etapa, em cada atividade proposta e desenvolvida, além de modificar a minha própria prática.

É importante ressaltar a mudança de comportamento de meus alunos quanto às tarefas de casa - não só os alunos deste ano - pois durante estes oito anos em que leciono, sempre as tarefas de casa (tema) eram consideradas um “problema”, porque poucos realizavam. Mas posso garantir que foi a mudança em minha prática que ocasionou esta significativa melhora, pois me questiono: será que as atividades que solicitava estavam de acordo com os interesses de meus alunos? Que prazer os

alunos teriam de pesquisar ou trazer algo que contribuísse ao que eu enquanto professora intitulava como necessário para o desenvolvimento de uma aula que talvez para eles não fosse significativa?

Tenho consciência de que é a curiosidade que nos move para frente, que nos tira da inércia, portanto, farei o possível para propiciar um ambiente democrático a meus alunos para que possam dar vazão às suas curiosidades e utilizá-las no dia-a-dia de nossas aulas, sempre.

### ***3.5. PA possibilitando o envolvimento da turma e da escola***

Nosso projeto, desde o princípio, mobilizou alguns integrantes da escola, pois de início, o funcionário A me auxiliou, tirando as fotos da casinha em vários ângulos e conseguindo, para nossa turma, um rádio que tocasse o CD em MP3 para as atividades na sala de aula.

Certa vez, não foi possível realizar a releitura das lendas, sendo que a turma tinha hora do conto na biblioteca. Neste dia, sugeri que a bibliotecária fizesse o contrário: ao invés de ela ser a contadora de histórias, fosse eles. Ou seja, que eles contassem a ela as lendas que acabaram de conhecer. Ela aceitou e disse ter sido uma bela experiência.

Na sexta-feira fui chamada por uma das merendeiras para ir com a turma até o refeitório para que pudéssemos ver o casal de pássaros na horta comendo alface e minhocas. Fomos em silêncio e pé por pé para não espantá-los. Ficamos uns 15 minutos enfileirados na janela apreciando a cena, tivemos a sorte de escutá-los cantando. Foi maravilhoso este contato, pois vimos na prática o que foi descoberto com as pesquisas: a forma de alimentação e sua cantoria melodiosa.

Os alunos aproveitaram para explicar que não é o João-de-barro que fecha a casa e sim as abelhas, pois uma das merendeiras perguntou se eles sabiam que, quando traídos, eles trancam a fêmea dentro da casa. Colaboramos para que esta aprendizagem chegasse a outras pessoas, tanto para esta merendeira que acreditava na lenda a qual conhecia e tinha como verdade, quanto para uma professora que me pediu as lendas para que pudesse ler a seus alunos que no turno

da tarde ocupam a sala na qual foi construída a casinha. De acordo com Guedes (1981, p.41), o estudante envolvido no processo de aprendizagem significativa participa dele ativamente, assimilando conteúdos que lhes são significativos, transferindo-os às situações posteriores, mas percebo que, para além dos alunos, o envolvimento de outras pessoas da comunidade escolar no projeto, neste caso os funcionários, também proporcionou muitas aprendizagens para eles.

### ***3.6. PA João-de-barro: curiosidades saciadas dando origem a novas curiosidades - PA sobre outras aves***

Durante a aula de terça-feira, da sexta semana, retomamos ao quadro de certezas e dúvidas e ao texto coletivo relendo-os. Na seqüência, analisamos se todas as nossas dúvidas foram esclarecidas, se nossas certezas permaneceram ou foram modificadas.

A turma percebeu que uma de suas certezas não foi modificada, mas acrescentada, pois haviam dito que a casa do João-de-barro era construída de barro, mas além de barro, descobriram que a ave utiliza capim e esterco. Disseram que suas dúvidas foram esclarecidas ao mesmo tempo em que descobriram nas pesquisas mais do que haviam pensado no dia em que construímos o quadro.

Os estimulei a falarem o que especificamente descobriram além. Citaram: o tempo que o casal leva para construir sua casa; que constroem uma casa por ano (geralmente uma em cima da outra); que a fêmea cuida sozinha do ninho durante a noite; que a fêmea coloca de três a quatro ovos; que esta ave é mais ativa nos dias mais quentes e claros; que as abelhas fecham com cera a porta das casas abandonadas formando as suas colméias.

Ficaram tão satisfeitos com as descobertas a ponto de não terem mais curiosidades sobre o João-de-barro, mas estavam curiosos para saber sobre as outras aves, pois me perguntavam: “Como são os ninhos das outras aves?” “O canto dos outros pássaros é igual ao do João-de-barro?” “Todas as aves comem larvas e minhocas como o João-de-barro?” “Também são as fêmeas que cuidam do ninho à noite?” “Os ovos são do mesmo tamanho e cor?” “Quanto tempo as outras aves

levam para chocar os ovos?” “Como são as características e hábitos das outras aves?”

Ouvi ao fundo um aluno dizer baixinho: “O ninho da águia é de palha”. “A coruja prefere a noite”. Achei extremamente interessante a linha de raciocínio da turma, pois se sentiram saciados com as descobertas sobre o João-de-barro, mas surgiram curiosidades sobre as outras aves para comparar com o que descobriram. Isto comprova que o espírito investigativo deve ser estimulado e não “podado”, pois à medida que os alunos apresentaram interesse por outros tipos de aves, demonstraram gosto por esta forma de trabalho, de ir em busca de respostas para as suas curiosidades.

Eu, enquanto educadora e estagiária, me sinto feliz por ter conseguido “plantar uma sementinha” e cultivá-la, com tanto cuidado e dedicação e vê-la crescendo. Com certeza, estes alunos hoje estimulados e “picados” pelo mosquitinho da dúvida e da curiosidade, seguirão por este belo caminho: buscar o conhecimento, sendo agentes no processo de ensino e aprendizagem, não admitindo serem apenas passivos a espera de respostas prontas às suas dúvidas.

Afirmo isto, pois em um dia de aula alguns alunos que possuem computador com banda larga, chegaram à escola com anotações de suas buscas. Usaram de sua autonomia não esperando até o dia em que conseguiríamos agendar o laboratório de informática para encontrar algumas informações que o grupo julgou necessário possuir. Estes alunos me entregaram as folhas com brilho nos olhos e um sorriso de satisfação dizendo: “Ó professora, o que conseguimos. Leia para a turma!” Vejo presente neste relato alguns elementos constitutivos de um PA: cooperação, autonomia e investigação.

## **4. Considerações finais**

Diante de tudo o que foi posto em prática, posso afirmar que desenvolver o PA favorece o aprendizado significativo, pois o mesmo é desenvolvido com base nos interesses/curiosidades dos educandos. Neste projeto, os educandos realmente assumem os seus papéis no processo de ensino e aprendizagem, sendo eles sujeitos ativos e não passivos.

Durante o decorrer do projeto os alunos foram levados a tomar decisões, a expor sua bagagem de conhecimentos, pois devemos, como educadores, ter a consciência de que ninguém parte do “zero”, todos, por estarem e fazerem parte do mundo, já possuem um conhecimento sobre os objetos que os cercam.

Com as atividades propostas e realizadas de forma dialógica, pude perceber o quanto meus alunos já conheciam sobre os animais, pois fizeram relação entre os animais da mesma espécie, ou seja, concluíram que todas as aves são cobertas de penas, possuem duas patas, que voam e nascem de ovos, por exemplo. Sendo alguns dos elementos constitutivos de um PA a cooperação, a interação e a reflexão, devemos utilizá-los (os PA's) em nosso fazer pedagógico para como uma alternativa inovadora ao ensino tradicional.

Ao decidirmos trabalhar com PA devemos estar abertos às modificações necessárias, pois as aulas não poderão ocorrer da forma habitual, para não dizer tradicional, pois as aulas são dinâmicas e muitas vezes ocorrem situações inusitadas.

Afirmo isto porque durante o desenvolvimento do nosso PA, que foi sobre o João-de-barro e sua casa, por várias vezes, meus alunos paravam o que estavam fazendo para observar da janela o casal de João-de-barro que passeava sobre o telhado do outro pavilhão. Em outro momento, fui chamada por uma das

merendeiras para ir com a turma até o refeitório para que pudéssemos ver o casal na horta comendo alface e minhocas.

Cheguei à conclusão de que trabalhar com projeto de aprendizagem, além de romper com os limites físicos da sala de aula, também envolve os outros setores da escola, pois nosso projeto desde o princípio mobilizou alguns integrantes da instituição. Em todas as reuniões realizadas na escola era comentado sobre esta nova forma de trabalho, podendo este expandir-se para as demais séries. Eu e minhas outras colegas, que também realizaram seus estágios apostando em inovações, somamos “força” e fizemos a diferença.

Também afirmo que trabalhar com PA não nos limita a uma área de conhecimento, como algumas pessoas erroneamente pensam. Do contrário possibilita a interdisciplinaridade, basta o professor ter um olhar atento e uma visão ampla para realizar esta “costura” propiciando o encontro entre as áreas do conhecimento.

Quando realizamos o quadro de certezas e dúvidas provisórias sobre o João-de-barro e sua casa, exploramos a oralidade ao levantar hipóteses a respeito dos objetos de observação e pesquisa, respeitando as diferentes opiniões; quando trabalharmos com dobradura de cisne não só atingimos os objetivos de artes como também coletamos os conhecimentos prévios sobre as características do mesmo. Além disto, utilizamos estas dobraduras como material concreto para trabalhar os numerais (relação número e quantidade, construção de dezena), desafios matemáticos, a seriação e classificação, por serem de cores variadas, abrangeu as áreas de Ciências Naturais e Matemática.

Todas as práticas realizadas foram muito produtivas e pude constatar que ao trabalhar de forma integrada, propicieei aos meus alunos momentos de muito diálogo, nos quais, pude observar os conhecimentos prévios que cada um possuía sobre diversos temas, ao mesmo tempo em que desenvolvia atividades de outras áreas do conhecimento.

Concluí também que ao decidirmos desenvolver um PA devemos, além de estarmos abertos a novas práticas em sala de aula, modificar impreterivelmente a prática avaliativa, que deve ser coerente à prática escolhida, ou seja, a avaliação deve valorizar os progressos diários, o envolvimento, o movimento de busca. Enfim deve ser uma avaliação qualitativa e não apenas quantitativa.

Durante todo o processo, avaliei tanto meus alunos quanto a prática realizada, através de observações, diálogos e reflexões sobre os acontecimentos diários.

Pude avaliar a aprendizagem de meus alunos, bem como a prática utilizada para o alcance da mesma através de conversa descontraída, enquanto meus alunos construíam as casinhas de João-de-barro; no momento em que meus alunos explicaram para a merendeira que não é o João-de-barro que fecha a porta da casa com a fêmea dentro e sim as abelhas que a fecham quando está desabitada; quando perceberam a incompletude do texto construído coletivamente e quando retornamos ao quadro de certezas e dúvidas e ao texto coletivo realizando as leituras, na seqüência analisamos se todas as nossas dúvidas foram esclarecidas, se nossas certezas permaneceram ou foram modificadas.

A turma percebeu que uma de suas certezas não foi modificada, mas acrescentada, pois disseram que a casa do João-de-barro é construída de barro, mas além de barro usam capim e esterco. Disseram que suas dúvidas foram esclarecidas ao mesmo tempo em que descobriram nas pesquisas mais do que haviam pensado no dia em que construímos o quadro.

O PA sobre o João-de-barro se ampliou, ou seja, partimos dele, e percorremos caminhos mais amplos. Chegando até os animais ameaçados de extinção, assunto ao qual já demonstravam conhecimento.

Os alunos sejam eles, crianças, adolescentes ou adultos, quando lhes são abertos espaços para que expressem suas opiniões e interesses/curiosidades, demonstram os seus conhecimentos prévios sobre o assunto em questão e com isto constatamos que o indivíduo trás consigo informações relevantes sobre todo e qualquer assunto, e, que estas informações devem ser consideradas como ponto de partida para que prossigam na busca pelo conhecimento.

Quando valorizarmos os educandos como sujeitos que possuem desejos e anseios e utilizarmos estes desejos e anseios na prática pedagógica, iremos perceber que estarão mais envolvidos e engajados no processo de ensino aprendizagem, pois é a curiosidade, o desejo que nos move para frente, que nos tira da inércia. Deixo aqui algumas questões para futura reflexão dos possíveis leitores:

Quantas vezes nos queixamos de nossos alunos quanto à falta de comprometimento, seja com tarefas de tema, seja com trabalhos propostos em aula ou extra-classe?

Devemos modificar a pergunta: Será que estou propondo atividades que interesse aos meus alunos, que os mobilize a realizá-las?

Que motivação meus alunos terão para pesquisar ou trazer algo que contribua ao que eu enquanto professora intitulava como necessário para o desenvolvimento de uma aula que talvez para eles não seja significativa?

## Referências Bibliográficas

BELLO, José Luiz de Paiva. **A Teoria Básica de Jean Piaget**. Vitória: 1995. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per09.htm>. Acesso em: 24 out.2010

BELLONI, Maria Luiza and GOMES, Nilza Godoy. **Infância, mídias e aprendizagem: autodidaxia e colaboração**. Educ. Soc. [online]. 2008, vol.29, n.104, pp. 717-746. ISSN 0101-7330.

FREIRE, Ana Maria Araújo, **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**. – São Paulo: Editora UNESP, 2001. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p.47, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir: **Pedagogia da práxis**, 2.ª ed., São Paulo, Cortez, P.90, 1998.

GOÑI, Javier Onrubia. **Rumo a uma avaliação inclusiva**. Pátio, Porto Alegre, n. 12, ano 3, p. 17-21, abr./fev., 2000.

GUEDES, Sulami P. **Educação, pessoa e liberdade: propostas Rogerianas para uma práxis psicopedagógica centrada no aluno**. 2.ed.São Paulo: Moraes, 1981.

LUCKESI, Cipriano. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** Revista Pátio, ano 3, nº 12, p 11, 2000

MAGDALENA, Beatriz Corso. **Internet em sala de aula: com a palavra, os professores/ Beatriz Corso Magdalena e Iris Elizabeth Tempel Costa**. – Porto Alegre: Artmed, 2003.

PIAGET, J. (1976) - **Equilíbrio das Estruturas Cognitivas**. Trad. Marion M.S. Penna. Rio de Janeiro, Zahar.

PIAGET, J. & GARCIA R. (1987) - **Psicogênese e História das Ciências**. Trad. Maria F.M.R. Jesuino. Lisboa, D. Quixote (original publicado em 1983).

SCHANK, R. e BIRNBAUM, L. (1996) **“Aumentando a inteligência”**. In A natureza da inteligência, Edited by Jean Khalfa. São Paulo: Ed. UNESP, p.77-109.

SILVA, Janssen Felipe, HOFFMANN Jussara, ESTEBAN Maria Teresa. **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo**. Ed. Mediação, 4ª edição, Porto Alegre. 2006.

STUDER, Caren E. and CASAGRANDE, Lisete Diniz Ribas. **Aprendizagem significativa: relato de experiência no ensino superior**. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 1999, vol.9, n.17, pp. 61-68. ISSN 0103-863X.

## **ANEXOS**

## Anexo 1

### Brincadeira “Pássaro louco, pássaro no ninho”

A disposição dos alunos para esta brincadeira é a mesma das brincadeiras “Cada macaco no seu galho” e “Coelhinho sai da toca”.

Alunos em trio, dois dando as mãos, representando o ninho e um no centro representando o pássaro.

Dado o comando: Pássaro no ninho, os alunos que representam os passarinhos devem sair e trocar de ninho.

Dado o comando: Ninho no pássaro, as duplas, ainda de mãos dadas é quem devem sair para “abrigar” outro pássaro, portanto, os que representam os passarinhos ficam em seus lugares a espera de um novo ninho.

Dado o comando: Pássaro louco, todos saem e criam outra formação.



Fotos da brincadeira “Pássaro louco, pássaro no ninho”

## Anexo 2

### João-de-barro

Sérgio Reis

Composição: Teddy Vieira / Muibo Cury

O João de Barro, pra ser feliz como eu  
Certo dia resolveu, arranjar uma companheira  
No vai-e-vem, com o barro da biquinha  
Ele fez sua casinha, lá no galho da paineira  
Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá, laiála, laiá, laiá, laiá, laiá, laiá  
Toda manhã, o pedreiro da floresta  
Cantava fazendo festa, pra aquela quem tanto amava  
Mas quando ele ia buscar o raminho  
Pra construir seu ninho seu amor lhe enganava  
Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá, laiála, laiá, laiá, laiá, laiá, laiá, laiá  
Mas como sempre o mal feito é descoberto  
João de Barro viu de perto sua esperança perdida  
Cego de dor, trancou a porta da morada  
Deixando lá a sua amada presa pro resto da vida  
Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá, laiála, laiá, laiá, laiá, laiá, laiá, laiá  
Que semelhança entre o nosso fadário  
Só que eu fiz o contrario do que o João de Barro fez  
Nosso senhor, me deu força nessa hora  
A ingrata eu pus pra fora por onde anda eu não sei

### Anexo3



Gráfico dos animais domésticos existentes na turma

## Anexo 4



**Construindo as dobraduras de peixe**



**Dobradura de cão**

**Dobradura de gato**

**Dobraduras animais**

**domésticos**

## Anexo 5



Mural das raças de cães



Mural das raças de gatos